



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

RÉGIA MARIA DOS SANTOS COSTA

**A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA DE
CRIANÇAS MATRICULADAS NO SEGUNDO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA**

Fortaleza-CE

2014

RÉGIA MARIA DOS SANTOS COSTA

A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA DE CRIANÇAS
MATRICULADAS NO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Pedagogia da Faculdade de
Educação da Universidade Federal
do Ceará como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Pedagogia.

Orientadora: Dra. Adriana Leite
Limaverde Gomes

Fortaleza-CE

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca de Ciências Humanas

Costa, Régia Maria dos Santos

A dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita de crianças matriculadas no segundo ano do ensino fundamental de uma escola pública de Fortaleza/ Régia Maria dos Santos Costa. – 2014.

58 f.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2013.

Orientação: Profa. Dra. Adriana Leite Limaverde Gomes.

1. Dificuldade de Aprendizagem. 2. Prática pedagógica. 3. Leitura e escrita.

**A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA DE CRIANÇAS
MATRICULADAS NO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA**

Régia Maria dos Santos Costa

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana Leite Limaverde Gomes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Paula Medeiros Ribeiro (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Alanna Oliveira Pereira Carvalho (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por que sei que tudo vem Dele e por Ele na minha vida, “Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos!” Salmos 103:2.

A minha mãe, pelas orações, por todo amor, dedicação e educação. Pela grande tarefa e exemplo na minha criação, um porto seguro, nos momentos difíceis da vida demonstrou força e sabedoria, com excelência.

Ao meu pai, que mesmo na distância, geograficamente, e devaneios da vida percebo seu apoio e amor.

Aos meus dois irmãos, meus verdadeiros amigos, pela união, cuidado e exemplos pra mim, como é bom ser a caçula da casa!

A minha orientadora, professora Adriana Leite Limaverde Gomes, pela atenção e competência, por ser essa professora fantástica, que tanto inspira e nos faz querer ser pelo menos a metade do que ela é.

Como também aos professores do curso de Pedagogia da UFC, que tive o prazer de ser aluna e que contribuíram para minha formação. Não posso deixar de citar, a professora Maria José Albuquerque Silva, pela demonstração do caráter e afetividade da educação, por realmente fazer a diferença, ser essa pessoa tão linda e incrível, pela dedicação, carinho e exemplo de vida, o que a faz ser tão querida, não só por mim, mas pra tantos outros alunos.

Aos meus companheiros e amigos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), as experiências com vocês foram um crescimento e contribuição para minha formação.

A escola na qual foi realizada a presente pesquisa, como também a professora e os alunos que participaram da pesquisa.

A todos os meus familiares pelo apoio; ao meu namorado, pelo incentivo e apoio; as minhas amigas que sei que sempre poderei contar. Não preciso citar nomes, mas a todos que diretamente ou indiretamente fazem parte da minha vida, muito obrigada!

*Educar é semear com
sabedoria e colher com paciência.*

Augusto Cury

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma análise das dificuldades de aprendizagem na Leitura e Escrita de alunos matriculados no segundo ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Fortaleza. Dificuldade de aprendizagem é uma problemática recorrente no processo de leitura e escrita, principalmente na nossa realidade de ensino da rede pública. Pretende-se na presente pesquisa, além da revisão bibliográfica acerca da temática, analisar sobre os aspectos relacionados à dificuldade da aquisição da leitura e escrita, além de buscar uma reflexão sobre a prática pedagógica de docentes. Para fundamentação teórica, foram estudados autores como: Ferreiro e Teberosky (2008), Freire (2006), Nunes (2003), Soares (2003), entre outros. Partindo da perspectiva que o problema não está centrado no aluno, mas pode envolver fatores que interferem no baixo rendimento escolar, como por exemplo: fatores emocionais, falta de interesse, inadequação da metodologia, a falta de incentivo e estímulos, fatores esses que também podem ser relacionados aos atrasos no desempenho escolar. O estudo foi realizado com base na abordagem qualitativa, através do estudo de caso. Neste estudo, observou-se que as dificuldades para ler e escrever dos alunos investigados estavam relacionadas a um conjunto de elementos, dentre elas: falta de acompanhamento individual tanto da família como da escola, falta de preparação dos professores, recursos inadequados e métodos descontextualizados e sem sentido para os alunos. Conclui-se que a prática pedagógica, a falta de motivação e de estímulo, além dos problemas familiares, como também os aspectos cognitivos, afetivos e sociais, são causas que podem explicar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças. Portanto, verificou-se a importância de se criar o hábito de ler e escrever e de se trabalhar o incentivo e o prazer.

Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem. Prática pedagógica. Leitura e escrita.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Objetivo geral	12
1.2	Objetivos específicos	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Processos de leitura e escrita	14
2.1.1	Ler e escrever: interações professor-aluno	21
2.2	Dificuldades de aprendizagem	23
3	METODOLOGIA	28
3.1	Sujeitos da pesquisa	28
3.2	Local da pesquisa	29
3.3	Procedimentos	30
3.3.1	Observação em sala de aula	30
3.3.2	Entrevista	30
3.3.3	Avaliação do nível psicogenético da língua escrita das crianças	31
3.4	Formas de registro	32
4	ANÁLISES DOS DADOS	33
4.1	Dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita: a percepção da professora e dos alunos sujeitos deste estudo	33
4.2	Os níveis psicogenéticos da língua escrita: uma análise sobre a aprendizagem da leitura e da escrita de dois alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem	39
5	CONCLUSÃO	49

REFERÊNCIAS	53
ANEXO A	54
ANEXO B	55
ANEXO C	56
ANEXO D	57
ANEXO E	58

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como enfoque principal a Dificuldade de aprendizagem. E tem também a finalidade de refletir sobre os aspectos que envolvem essa dificuldade na leitura e na escrita de crianças matriculadas no segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Fortaleza.

Parte-se do pressuposto de que a alfabetização e o ensino continuam sendo um desafio no sistema público do Brasil. Na presente pesquisa busca-se compreender os processos que envolvem o desenvolvimento da leitura e da escrita na prática docente, a partir de uma análise sobre a aquisição da leitura e da escrita de alunos do segundo ano do Ensino Fundamental, destacando-se o percurso de aprendizagem de dois alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita.

A escola pública tem a função de cumprir com sua responsabilidade social de desenvolver a formação integral do indivíduo, as habilidades e as competências dos seus alunos. Para isso, é preciso refletir sobre a prática pedagógica, para assim obtermos como resultado aprendizagens significativas. É importante entender quais fatores são responsáveis pela dificuldade na aprendizagem das crianças nessa etapa referente à pesquisa. Entre as diversas manifestações de dificuldades de aprendizagem existentes, este trabalho aborda a dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita.

Pretendem-se entender o que é dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita, quais os fatores responsáveis por essas dificuldades, e quais as estratégias que devemos utilizar na nossa prática que podem contribuir para a superação das dificuldades de aprendizagem.

Há diversos fatores que conduzem ao fracasso escolar e as várias causas dos problemas de aprendizagem. Esses problemas de aprendizagem podem ser causados por diversos aspectos, tais como aqueles de ordem orgânica, cognitiva, emocional, social e pedagógica. A leitura está estritamente

relacionada à escrita e cada vez mais cedo as crianças recebem estímulos no mundo em sua volta, dos diversos meios e fatores, contribuindo para o avanço da aprendizagem.

Nas palavras de Fresquet (2003), o fracasso escolar não é problema exclusivo do aluno, nem do professor, ou na relação entre ambos, e sim do sistema como um todo. Não podemos definir como algo decorrente só do aluno ou da família. Também não devemos buscar os culpados por esse problema de aprendizagem, e sim devemos refletir a partir da realidade do aluno, considerando o sistema de ensino, a forma como a escola ensina e produz conhecimento e a prática do docente. Todos esses fatores podem ser os responsáveis pela dificuldade do aluno na escola.

A escola em sua função formadora está produzindo e reproduzindo fracasso escolar. Na realidade de muitas escolas da rede pública do nosso país, crianças com oito anos de idade já são consideradas fracassadas em relação às outras crianças de mesma idade, sabemos que isso implica em consequências nada satisfatórias para seu futuro.

O processo de leitura e escrita é uma aprendizagem complexa e envolve fatores sociais e culturais. Ler e escrever se desenvolve a partir de habilidades psicológicas e cognitivas, através de oportunidades de vivências práticas cotidianas de leitura e da escrita. A alfabetização acontece por um processo social e cognitivo, que envolve o desenvolvimento de competências e habilidades. Com isso, a pesquisa pretende entender os processos de leitura e escrita, como também os fatores responsáveis pelas dificuldades na aprendizagem dessas atividades específicas.

A priori, o interesse em investigar o tema dificuldades de aprendizagem surgiu a partir de reflexões e vivências pessoais, por ter vivenciado essa etapa na escola pública, considerada tão importante, e ainda por ter convivido com dificuldade de aprendizagem no momento de aprender a ler. Sabemos da importância dos estímulos para o desenvolvimento do potencial do aluno, para garantir a motivação e o interesse no momento da aprendizagem.

A dificuldade de aprendizagem escolar tem suas causas e formas de tratamento, e tanto a família como o professor tem um papel importante no processo. Partindo do pressuposto de que a partir dessa pesquisa e reflexões da realidade inserida, trará contribuições para nossa formação contínua, ampliando o conhecimento, trazendo benefícios e contribuição para a sociedade, como também a mudança do cotidiano do aluno com dificuldade.

Assim, acreditamos que o tema será de grande relevância para nossa prática docente. A proposta dessa pesquisa contribuirá para um maior conhecimento sobre o assunto, aprendido e como fonte de pesquisa, visando o desenvolvimento das crianças, e auxiliando na intervenção do processo de aprendizagem a partir dos fatores observados. Esperamos desenvolver uma pesquisa relevante para a formação do educador, provocando assim reflexões e transformação dessa realidade ainda presente nas escolas públicas. Com isso, a presente pesquisa tem por objetivos:

Geral:

- Investigar os aspectos que envolvem as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita de crianças matriculadas no segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública.

Específicos:

- Identificar os níveis psicogenéticos da língua escrita de crianças matriculadas no segundo ano do ensino fundamental que apresentam dificuldades de aprendizagem;
- Compreender os fatores que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita de crianças matriculadas no segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Fortaleza.

O presente trabalho estrutura-se da seguinte forma: o capítulo inicial aborda o processo de leitura e escrita, buscando entender os aspectos relacionados no processo de aprendizagem, bem como o tema central do

estudo, a dificuldade de aprendizagem. Em seguida, refere-se a toda trajetória da pesquisa, explicando o estudo de caso e as intervenções realizadas. O terceiro capítulo resulta dos resultados e reflexões do estudo de caso, abordando os fatores observados na realidade escolar. Seguem, por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho se baseia na abordagem psicogenética da língua escrita, nesta abordagem as teorias de Emilia Ferreiro e Piaget fundamentam a pesquisa. Além de abordar algumas contribuições relevantes de alguns especialistas tais como Paulo Freire, Ana Teberosky, Kenneth Goodman, Teresinha Nunes, e outros autores citados no decorrer da pesquisa. O presente trabalho, pretende contribuir para as reflexões sobre a dificuldade de aprender a ler e escrever, bem como busca entender os fatores relacionados nesse processo.

Segundo as pesquisas de Piaget, o aprendizado acontece de forma gradual e com sequência lógica. O processo de aprendizagem se desenvolve por etapas, nas quais a criança percorre no seu processo de aprendizagem. Nesse trajeto, é importante que o professor respeite e compreenda a evolução e o desempenho de cada criança e as dificuldades enfrentadas por elas.

O presente capítulo objetiva compreender o processo de aprendizagem da criança, no que se refere à leitura e escrita, e as dificuldades desses processos. O estudo foi organizado em dois subitens. O primeiro aborda sobre o processo de leitura e escrita, e as interações entre professor e aluno, no ato de ler e escrever. Enquanto o segundo refere-se às dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita.

2.1 Processos de leitura e escrita

De acordo com Emília Ferreiro (1987), a construção da leitura e escrita na criança tem uma lógica individual, com contribuição de interações sociais, dentro ou fora da escola. A construção do conhecimento ocorre por seqüências de hipóteses, dessa forma, a leitura não pode ser vista como algo mecânico. No decorrer dos anos, recursos foram inventados facilitando o ato de ler e escrever.

O especialista Goodman (1967) define a teoria dos processos de leitura:

Ler é identificar palavras e colocá-las juntas para conseguir textos significativos. Aprender a ler foi considerado como sendo o domínio da habilidade para reconhecer palavras e adquirir um vocabulário de palavras visualizadas, ou seja, palavras conhecidas pela vista.

Tanto a língua escrita, quanto a língua oral são invenções sociais, pois usamos na necessidade de nos comunicarmos, através do tempo e do espaço. Segundo o autor norte-americano Kenneth Goodman (1967), há somente um processo para a aquisição do ato de ler para todas as línguas, mesmo existindo diferenças na ortografia, com características essenciais que não variam, mesmo havendo uma flexibilidade na leitura. O autor afirma que o processo de leitura deve iniciar-se com um texto que na sua estrutura possua alguma forma gráfica, que a sua produção se caracterize como linguagem, para que assim construa significado, pois o processo não se constitui sem significado, para o autor, a aquisição da leitura só é possível com o significado.

Segundo Rosenblatt (1978), na leitura ocorre uma transação entre o leitor e o texto, desse modo é importante considerar as características do leitor e do texto que contribuem para compreender o processo de leitura. Leitura é interpretação, o que o leitor compreende e aprende num texto depende do que ele conhece a priori, antes de realizar a leitura.

Sabe-se que diferentes pessoas terão compreensões diferentes ao ler um texto, pois elas interpretam com base no que conhecem e acreditam. No processo de leitura é empregada uma série de estratégias, como por exemplo: referencia decodificação, seleção, antecipação, inferência e verificação; e uma das primeiras condições é despertar o interesse pela leitura.

Para que a criança aprenda a ler, ela primeiro identifica os símbolos (letras), e cada som representado nas letras, depois passa a associar a palavra impressa e o som, trata-se do processo conhecido por codificação. No processo de leitura são desenvolvidas e estabelecidas estratégias para construir significados e compreender o que está sendo lido, pois ler é atribuir

significados. Essas estratégias se desenvolvem e se modificam no decorrer da leitura. O leitor utiliza a própria leitura para desenvolver suas estratégias. Nesse processo, é importante a busca de significados, para tornar a leitura mais eficiente.

No desenvolvimento da leitura, segundo Goodman (1967), aprender a ler se inicia com o desenvolver dos sentidos das funções da linguagem escrita, ou seja, ler é buscar significados no texto, que ocorre com o desenvolvimento de estratégias. Como diz Paulo Freire (1988, p.11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Leitura é essencial para estarmos inserido ao meio social.

Na prática pedagógica devemos estabelecer estratégias e possibilidades quando são observadas dificuldades de aprendizagem das crianças. Apesar da leitura também ser utilizada fora do contexto escolar, acreditamos que a escola é o principal ambiente para desenvolver a aquisição, e a criança vivencia o melhor momento de estimular o prazer e hábito de ler, pois é nessa fase que desenvolve as potencialidades.

Tanto o desenvolvimento da linguagem oral como da escrita dependem da utilização funcional, que deve ser compreendida no processo; além do sentido das funções da linguagem escrita. Não podemos nos deter a uma prática improdutiva, sem que tenhamos resultados satisfatórios na criança que apresenta dificuldades ao aprender a ler e a escrever.

A leitura precisa ter sentido, para que assim encontre um significado e possa ser compreendido. Para Goodman (1967), ler é ter o sentido do texto, da linguagem escrita. O autor considera a leitura como um processo que é construtivo, no qual cada aluno chega à escola com seu próprio conhecimento, e na concepção construtivista, a criança e o seu conhecimento são valorizados.

Será que no processo de leitura, há um único processo ou há processos diferentes, já que a linguagem é algo inato ao ser humano? O processo geral é o mesmo. A diferença é que existem leitores eficientes e

leitores que são iniciantes, mas não é diferente o processo e sim a intenção e a atenção, ou seja, o que a atenção focaliza durante o processo.

Emilia Ferreiro (2008) contribuiu para uma reflexão sobre como deve ser feita a intervenção educativa alfabetizadora, a partir dos dados de suas investigações sobre a psicogênese da língua escrita na criança. Seus estudos evidenciam que o processo de alfabetização não é algo mecânico, do ponto de vista da criança que aprende. Ferreiro e Teberosky, no livro *Psicogênese da Língua Escrita* (2008), abordam como funciona a aprendizagem da escrita, e os processos de aquisição, não como um método pedagógico;

“[...] entendemos por processo o caminho que a criança deverá percorrer para compreender as características, o valor e a função da escrita, desde que esta se constitui no objeto da sua atenção, portanto, do seu conhecimento” (FERREIRO; TEBEROSKY, 2008, p.18).

As autoras consideram a evolução da escrita em níveis e com características básicas nos níveis. As crianças que estão em fase de escolarização devem compreender o processo dessa representação, de construção e regras, e isso podemos ver a partir das dificuldades encontradas pelas crianças no sistema de representação da linguagem.

Nas produções das crianças devem ser considerados os aspectos construtivos e não os aspectos gráficos. O nome próprio da criança é considerado por Ferreiro como algo que ocupa posição significativa no desenvolvimento para a escrita alfabética.

A escrita é uma representação da linguagem, ou melhor, um sistema de transcrição gráfica das unidades sonoras. A escrita e o desenho são atividades espontâneas e distintas, elas são formas linguísticas frutos do desenvolvimento do pensamento. Na escrita espontânea é considerada mais importante a intenção de quem as realiza do que o resultado em si.

Segundo Yetta Goodman (1967), a criança quando começa sua escrita precisa lidar com vários princípios, de traços funcionais, linguísticos e relacionais. A escrita começa com as garatujas feitas no desenho.

Emilia Ferreiro (1985) em suas investigações sobre os processos construtivos da escrita, cita que a criança começa desde cedo a tentar compreender as coisas e símbolos, com as suas possibilidades através das relações sociais que são inseridas. É a diferença entre a grafia e o desenho, um dos primeiros desafios para a criança.

A evolução da escrita é percebida quando a criança começa a fazer correspondência de um símbolo para cada desenho, na qual cada letra representa algo. Ferreiro observa em suas pesquisas sobre a aquisição da escrita, que a criança ainda pequena, faz a decomposição da palavra em partes, já que a escrita é um composto de partes, assimilando quantidade e variedade do todo.

Independente da classe social da criança, ela enfrenta os mesmos problemas cognitivos de desenvolvimento da escrita, com a diferenciação defendida por Ferreiro (2008), de que a criança de classe média já ingressa a escola sabendo reproduzir seu nome próprio antes mesmo dos seis anos de idade, e para as crianças de classe baixa essa aquisição só acontece quando elas ingressam na escola.

Embora elas ainda não assimilem bem as letras, nem o fator de não ser relacionado à quantidade de letras no seu nome com a sua idade, por exemplo, ou do fato da letra do próprio nome aparecer em outras palavras; mas o nome próprio é uma fonte de hipóteses para o início da escrita, para a assimilação das informações, para compreensão das palavras.

Segundo Ferreiro (2008), o período antes da criança se apropriar das escritas convencionais é pouco abordado e reconhecido, mas é importante nos processos construtivos na evolução da escrita, para assim compreender os

problemas encontrados até a apropriação e compreensão da escrita na criança.

Existe todo um processo até a criança compreender a estrutura do sistema de escrita, até assimilar os conflitos cognitivos na compreensão da quantidade de sílabas faladas e letras escritas, o que para a criança muitas vezes não tem sentido. Por isso a importância de entender essa etapa, a “pré-história da escrita” como considera Vygotsky, em termos epistemológicos.

A escrita tem função social. Através da interação na escola, a criança põe em prática as suas possibilidades de assimilação e recebe informações do meio. Ana Teberosky (2008) defende que a socialização dos conhecimentos e as trocas entre as crianças contribuem para a construção da escrita.

O uso da linguagem e da escrita para a criança no início é por meio de representação, só depois estabelece a função comunicativa. O conhecimento é adquirido através da construção da própria criança ao longo do processo e o desenvolvimento constituído por experiências e interações com o meio.

Para Ferreiro e Teberosky (2008), sobre a origem e desenvolvimento da escrita, a criança chega à escola com algum conhecimento, e no decorrer do processo desenvolve essa capacidade. De acordo com a *Psicogênese da escrita (2008)*, toda criança passa por quatro etapas até se apropriarem do sistema alfabético:

Nível 1: *Pré-silábico* - é o estágio inicial, onde não há relação entre a letra e o som na língua falada, ou seja, entre fala e escrita, tem leitura global e instável do que escreve, onde só a criança sabe o que quis escrever;

Nível 2: *Intermediário I* - a criança passa a atribuir valor a cada sílaba a criança começa a estabelecer e ter consciência de que existe alguma relação entre o que fala e a escreve; a escrita passa a ganhar o som fonético para a criança, que começa dar valor sonoro às letras;

Nível 3: *Hipótese Silábica* - passa a identificar algumas sílabas, tenta fonetizar e dar valor sonoro as letras;

Nível 4: *Silábico-Alfabética ou Intermediário II* - a criança consegue relacionar vogais e consoantes numa mesma palavra, na tentativa de combinar sons;

Nível 5: *Hipótese Alfabética* - a criança passa a compreender o modo de construção da escrita.

Segundo a teoria, a criança antes de compreender e atingir o sistema alfabético representa cada sílaba da palavra por uma letra, valorizando os conhecimentos prévios na construção do conhecimento. Buscando entender como aprende e fazendo refletir meio aos questionamentos. Nunes (1997) considera que o estágio alfabético não pode ser considerado como o último no desenvolvimento da concepção da escrita, porque ela ainda vai progredir. A escrita nas crianças segue sequências evolutivas, a criança cria novas hipóteses a partir das hipóteses anteriores.

Segundo Weisz (2006), o significado da alfabetização mudou e o que antes era vista como transmissão de conteúdo pronto, ganhou um novo sentido na abordagem construtivista. Nessa abordagem o conhecimento é construído por meio de hipóteses que são aprimoradas no decorrer do processo, visto que o aluno é um ser ativo na realização do processo e o professor, o mediador.

O desenvolvimento cognitivo linguístico se desenvolve a partir do nível concreto, que são as sensações, experiências, percepção e motricidade, para o abstrato, quando ela alcança a representação e simbolização. Ferreira (2008) defende a aquisição da escrita por etapa/estágios e elabora hipóteses na construção da escrita, como sua estrutura lógica e o papel ativo da criança nesse processo.

Trabalhar a escrita com interação e construção coletiva é importante e proveitosa quando observamos os resultados obtidos, a partir da socialização e troca dos conhecimentos.

2.1.1 Ler e escrever: interações professor-aluno

Além de ser um processo cognitivo, ler e escrever são atividades sociais de interações entre o professor e alunos. As atividades intermediadas pelo professor com a classe na troca de diálogos e discussões para todos participarem, contribuem para o progresso das crianças, e ajudam o professor a diagnosticar os problemas e observar seus alunos. Os estudos de Piaget assim como de Emilia Ferreiro, comprovam que no momento de aprendizagem, a criança tem papel ativo, no qual constrói o próprio conhecimento. Por isso, é preciso transferir o foco para o aluno quando percebemos o processo de aprendizagem.

No momento de aprender a ler e a escrever, vários contextos das crianças são envolvidos. Aspectos como a interação em sala, a didática da aula, a motivação, o nível de leitura dos alunos e o desempenho, precisam ser considerados. Além de ser fundamental trabalhar a confiança das crianças em sua capacidade de aprender. De acordo com Soares (2003, p. 18),

[...] escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita, tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condições em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística.

A autora considera a ação transformadora da prática do uso da leitura e da escrita, nas consequências que produz sobre o leitor, como um fator essencial nas relações e aspectos sociais. Mas, o que se pode ver na realidade é a falta de incentivo ao desejo de ler e valorização dessa importância. A escola tem grande influência na aprendizagem da leitura para a criança tornando a linguagem escrita funcional, e reconhecendo seu valor. Ela aprende ler e escrever fazendo abstrações complexas.

Segundo Hoskisson (1975):

Talvez uma das maiores ilusões na educação seja a idéia de que ensinamos a criança a ler. A única coisa que realmente acontece é

que lhe apresentamos os materiais de uma ou de outra forma, e ela própria os utiliza para resolver o problema de leitura (p. 446).

Porém, sabemos da importância dos métodos de ensino e dos materiais utilizados, como também a função do professor na aprendizagem da leitura. Acredito que o estudioso se refere em relação ao processo natural do desenvolvimento do “aprender a ler” como também, escrever.

Sobre os aspectos relacionados na destreza da leitura, sabe-se que o aspecto cognitivo tem grande importância no desenvolvimento, ocasionando a falta de compreensão, no progresso e na capacidade da criança para desenvolver esta aquisição da leitura. Nas análises de Vernon (1957) no que se refere às causas dos problemas de leitura, o autor cita que a “confusão cognitiva” é o aspecto fundamental onde parece existir incapacidade de evolução no processo, e a criança torna-se insegura e confusa em seu raciocínio.

Segundo Vernon (1957) a confusão cognitiva é o ponto principal nos problemas de leitura, pois aprender a ler exige da criança habilidades de raciocínio para compreender a articulação e relação entre a linguagem falada e a escrita. O termo “confusão” é usado no que Piaget utiliza como “desequilíbrio” e não de maneira negativa. Sendo necessário que trabalhe os conceitos sobre o ato de ler e escrever, dos seus aspectos linguísticos e funcionais, com métodos e materiais para que se desenvolvam de maneira natural, significativa como pontua Piaget.

No Construtivismo além de considerar que o processo de aprendizagem é gradual, os erros também são valorizados e considerados para a evolução do processo, pois “nada mais revelador do funcionamento da mente de um aluno do que seus supostos erros, porque evidenciam como ele “releu” o conteúdo aprendido” (Ferrari, 2011, p. 2). Não trata de incentivar o erro, mas de compreender que houve uma busca para a possibilidade de novos conhecimentos.

É importante o uso de livros e atos significativos de leitura e escrita no cotidiano da sala de aula, para contribuir no complexo processo de ensino e aprendizagem. Portanto, é função do professor buscar construir uma prática educativa inovadora, tornando os obstáculos como possibilidades de construção do novo.

2.2 Dificuldades de aprendizagem

Para iniciar essa parte da pesquisa, utilizo da definição de dificuldade de aprendizagem de Garcia (1998, p. 31):

Dificuldade de aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escola, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se serem devidos à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital.

No momento em que a criança começa a aprender a ler e escrever, é exigido dela atenção a aspectos da linguagem que antes não precisava. São novas habilidades. Por isso, são aquisições complexas e com desafios para todas as crianças. Embora que algumas crianças apresentem mais dificuldades que outras.

Existe uma variedade de conceitos e utilização de diferentes definições de abordagem para a temática, transtorno, distúrbio, dificuldade e/ou problema de aprendizagem, são alguns dos termos encontrados entre as vastas concepções acerca do tema escolhido para esta pesquisa.

Estudos comprovam que crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam atrasos específicos da leitura resultantes de problemas verbais. De acordo com Terezinha Nunes (2003), crianças com dislexia têm dificuldade em compreender regras gramaticais na aprendizagem da leitura e na estrutura fonológica, na identificação da letra-som nas palavras.

Sobre a aquisição da língua escrita, na perspectiva da autora, os conhecimentos adquiridos em cada estágio são aproveitados no estágio posterior. Os estágios são os mesmos para qualquer criança. Nesta abordagem de acordo com a autora: o que é aprendido num estágio é aperfeiçoado, e não abandonado, no estágio seguinte.

Estudos atribuem essas dificuldades ao fator cognitivo ou relacionado à psicomotricidade, que são de percepções, motores e lateralidade cruzada. Outros têm como causa problemas de ordem social. Para Scoz (1994, p.22),

“Os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-las a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade”.

Abigail (1994, p. 17) identifica que a “dislexia é o termo que, em geral é aplicado a qualquer dificuldade de aprendizagem de leitura em crianças”. A autora afirma que existem diversos exames e tratamentos para a dislexia, no qual o tratamento deve ter no máximo duração de seis meses, passando esse prazo algo no tratamento e diagnóstico está errado.

Sabemos que cada criança tem seu ritmo, e deve ser respeitado no momento da aprendizagem. Os estudos de Ferreiro comprovam e as observações da realidade também, que se a criança possui um ambiente familiar alfabetizador, com incentivo a prática da leitura e da escrita, essas experiências facilitam a aquisição no momento de aprender a ler e escrever.

A especialista Telma Weisz enfatiza em uma entrevista sobre alfabetização na revista Nova Escola, que não se pode subestimar a capacidade intelectual da criança, e sim apostar na capacidade do aluno. Não precisa de uma resposta pronta, para se chegar logo ao resultado correto, mas fazer a criança pensar mais um pouco. O erro faz parte do processo de construção do conhecimento, idéia que é defendida nas abordagens de Ferreiro e Piaget.

Ainda de acordo com Weisz, as dificuldades de aprendizagem têm fatores externos, o que contribui para a falta de motivação na aprendizagem, como por exemplo, atividades insignificantes, despreparo do professor, o fato de não entender e respeitar o ritmo de cada criança.

As investigações de alguns psicólogos infantis comprovaram que o fracasso na aprendizagem da leitura e escrita está ligado a processos psicológicos. Utilizamos algumas vezes do termo “dislexia” no sentido descritivo, buscando priorizar na pesquisa a compreensão das dificuldades e prevenção.

O autor M. Fert (1984) mostra claramente que “com relação aos problemas de aprendizagem, não nos parece que se deva por em dúvida o método de ensino, mas sim as suas condições de aplicação” (p. 48). São os resultados da prática que devem ser observados acompanhando o ritmo de cada criança. No livro *A dislexia em questão (1984)*, o psicanalista R. Cahn, sobre os distúrbios da língua, enfoca que “se esses conflitos encontram uma saída satisfatória, se não criam bloqueios, a aprendizagem da leitura e da escrita torna-se cada vez mais independente das circunstâncias psicológicas e emocionais [...]” (p. 77).

Diversos estudos comprovam que estas dificuldades não são principalmente de fatores emocionais, mas também de fatores instrumentais, relacionados ao ensino. As dificuldades de aprendizagem causam sofrimento na criança, levando-a a apresentar comportamentos de desinteresse, problema este que não é por vontade própria.

Quando a criança, a família e o professor são bem orientados tudo se torna mais simples. Outro fator importante é o estímulo do meio na aprendizagem escolar, fora vários fatores afetivo-emocionais envolvidos. Isso reafirma a complexidade, já citado no capítulo anterior, do processo de aprendizagem.

Segundo a psicopedagoga Nadia Bossa (2000), “uma criança pode ser muito inteligente e aprender muitas coisas, mas seu cérebro falha na hora de realizar aprendizagens específicas, como, por exemplo, leitura e escrita” (p. 57). O que ocorre é que algumas vezes a criança precisa de uma ajuda especial, e a professora junto com a família não atenta para isso. Um trabalho individualizado contribuiria para solucionar e prevenir certos problemas.

O conhecimento é necessário para a vida, e a escola é uma das soluções e busca para essa aquisição. A escola é o espaço de construção de conhecimentos e não um problema para a criança, o que muitas vezes é causado na criança que não aprende. Os problemas pedagógicos são prolongados pela falta do professor compreender as causas das dificuldades e aprendizagem, isso interfere na qualidade do processo de ensino. De acordo com Nadia Bossa (2000), problemas na relação professor-aluno, na família, problemas com o conteúdo, entre outros, atrapalham na aprendizagem. Como também pode interferir no desenvolvimento e refletir no futuro do aluno.

Toda aprendizagem tem como resultado uma mudança no comportamento. O professor precisa intervir de maneira que produza motivação e esforço, para que os alunos acreditem na capacidade de aprender, este desenvolvido de forma prazerosa.

O processo de ensino, a partir da visão teórica do construtivismo, compreende a importância das interações e experiências do meio inserido do leitor na construção do conhecimento, o que não se pretende transferir a responsabilidade apenas da criança e seu cognitivo, mas entender que aprender não é apenas adquirir a informação e reproduzir de maneira correta o ensinado.

O ser humano desde que nasce é capaz de aprender a aprender, e a aprendizagem é um processo que envolve aspectos cognitivos e afetivos, mas essa capacidade precisa se aliar ao trabalho pedagógico. A aprendizagem acontece por meio de interações com o meio social e físico, e a dificuldade

para aprender ocorre na forma de bloqueio das possibilidades dessa aprendizagem.

Não podemos caracterizar a dificuldade de aprendizagem como um distúrbio ou patologia, um fator de causa única. O papel do professor é buscar alternativas para que esses alunos com ritmos diferentes aprendam. Para a psicopedagoga argentina Fernández (2001), o problema não é de aprendizagem, mas sim de “ensinagem”.

É da responsabilidade do professor e da escola entender que cada criança tem as suas especificidades, intervindo da melhor maneira possível, compreender sua responsabilidade e grande função, para construção do conhecimento e formação humana de cada aluno.

Infelizmente é fato que na maioria das nossas escolas públicas a questão social é muito presente, muitos pais são analfabetos e acaba não acompanhando o aprendizado do filho, pois não possuem os conhecimentos necessários. E alguns professores, pela falta de formação, de paciência, de didática, desmotivados, ou de domínio de classe, não identificam as dificuldades do aluno, acabam tomando atitudes, ou fechando os olhos, o que para eles são atitudes mais fáceis.

Como já ficou claro, o presente estudo não busca um culpado para ineficiência do processo de aprendizagem, e sim reflexões para melhoria dos resultados, como também novos posicionamento. Não podemos separar a realidade escolar da realidade vivenciada. Mesmo que a dificuldade de aprendizagem esteja ligada a vários fatores, compreende-se que o ambiente interfere no processo, pois quando há falta de incentivo na escola, as crianças também podem não conviver em casa com um ambiente alfabetizador.

3. METODOLOGIA

“[...] por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham,
dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa”.

(FERREIRO, 1985, p. 14)

Este trabalho de conclusão de curso foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, como recurso metodológico foi realizado um estudo de caso para desenvolvimento da pesquisa. Este capítulo trata sobre os procedimentos metodológicos, como a coleta de dados, o local, os sujeitos da pesquisa, o tipo de pesquisa e os instrumentos utilizados para a coleta dos dados.

Segundo Minayo (1996) na pesquisa qualitativa é fundamental a interação com os sujeitos envolvidos, a observação e flexibilidade, no conjunto de significados, motivos, valores e atitudes. Assim, o presente trabalho tem um caráter qualitativo por ser composto de aspectos da realidade que não podem ser quantificados.

De acordo com Prodanov (2013, p. 128) o estudo de caso é:

A estratégia preferida quando colocamos questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos se quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

Ou seja, permite um conhecimento amplo da realidade estudada, permitindo novas descobertas.

Segundo Prodanov *apud* GIL (2010) o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou mais objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

3.1 Sujeitos da pesquisa

Participaram da pesquisa duas crianças, cujas idades variavam entre 7 e 8 anos. Além das crianças, a professora da turma participou do processo de

coleta de dados fornecendo dados complementares para a análise. Os sujeitos são alunos do segundo ano do Ensino Fundamental de uma Escola Pública da rede Municipal de Fortaleza. Esses alunos apresentavam dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, de acordo com relatos da professora da turma.

Os participantes da pesquisa foram selecionados a partir da indicação da professora da turma, que selecionou esses alunos com maiores defasagens na leitura e escrita. Utilizaremos de nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos, pois as informações serão apenas utilizadas para fins da pesquisa. Em primeiro momento, antes de realizar qualquer atividade, perguntei à professora em qual nível as duas crianças da pesquisa estavam classificadas. Segundo ela as crianças se encontravam no pré-silábico.

Mariana tem 7 anos de idade, frequenta essa escola desde o ano anterior, 1º ano do Ensino Fundamental, não é repetente, mora perto da escola, e o pai quem vai deixar de carro. Desde o 1º ano, Mariana apresenta dificuldades na leitura e escrita. E Gabriel tem 8 anos, apesar de estar fora de faixa, não é repetente, mora perto e vem a escola com o irmão.

A professora, das referidas crianças, é graduada em Pedagogia desde o ano de 2007, pela Universidade Federal do Ceará. Ela possui 16 anos de experiência como professora, e tem 34 anos de idade.

3.2 Local da Pesquisa

A escolha por esta escola deve-se ao fato de participar atualmente como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID da Universidade Federal do Ceará. Esta escola é contemplada com o programa, o que facilitou a realização da intervenção. O subprojeto atua também em outras duas escolas públicas de Fortaleza, num total de 18 bolsistas da graduação dos cursos de pedagogia, letras, geografia, educação física e ciências biológicas. A escola está localizada em um bairro de classe média de Fortaleza, e é de fácil acesso.

3.3 Procedimentos

Na coleta de dados foram utilizados três procedimentos: observação em sala de aula, entrevistas com as crianças e com a professora da turma, e aplicação de uma avaliação do nível psicogenético da língua escrita. A coleta ocorreu durante os meses de Abril a Maio de 2014.

3.3.1 Observação em sala de aula

Em primeiro momento realizei uma observação para melhor contato com o objeto de estudo. O objetivo da observação foi o de auxiliar na compreensão do processo, como também de conhecimento da realidade. E ainda de conhecer o contexto escolar de como a aprendizagem acontece e a relação professor-aluno, nas intervenções realizadas.

3.3.2 Entrevista

A entrevista não é algo neutro, é uma ferramenta que contribui na coleta de informações. O objetivo da entrevista foi analisar as expectativas da professora em relação às dificuldades de aprendizagem das crianças, e sua prática pedagógica, sendo também de obtenção de informações que poderiam ser utilizadas para somente fins do estudo.

De acordo com Minayo (2011) a entrevista é um importante componente, o procedimento mais utilizado em pesquisa de campo. Segundo Prodanov (2013, p. 106) “a entrevista é a obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema”.

A entrevista (anexo E) é semi estruturada, com um roteiro previamente elaborado, com questionamentos básicos acerca do tema, com perguntas fechadas e abertas, procurando fazer com que o entrevistado se sentisse a vontade a responder para contribuir com a pesquisa.

3.3.3 Avaliação do nível psicogenético da língua escrita das crianças

Com o objetivo de tentar uma reflexão sobre a aquisição da linguagem escrita, realizei algumas atividades que ajudassem a desenvolver a pesquisa com os alunos escolhidos anteriormente. As atividades foram realizadas individualmente

Cada vez mais é preciso um trabalho pedagógico direcionado para as necessidades dos alunos com maior nível de dificuldade. O processo de aprendizagem é longo e complexo, e vai muito além das letras: “implica aprender a participar na prática” (Kalman 1993, p. 88).

a) Avaliação da escrita

De início para uma melhor aproximação utilizei do alfabeto móvel e imagens como recursos, tornando um momento mais lúdico. Solicitei que cada criança em momentos separados formasse as palavras a partir da associação com dez imagens de animais. Essa atividade tinha a intenção de gerar uma motivação inicial para eles. Em seguida pedi que cada uma escrevesse em uma folha de papel os nomes dos animais que havíamos formado anteriormente e os nomes deles.

A segunda atividade realizada foi um caça palavras sobre os meios de transportes. No momento da pesquisa, eles estavam estudando em sala de aula sobre esse assunto, nossa intenção era dinamizar o processo e fazer algo significativo para eles. A atividade foi realizada com o banco de palavras que pode ser visto no Anexo B.

Para avaliar melhor a escrita das duas crianças escolhi quatro palavras, do mesmo campo semântico, e uma frase, de ordem decrescente do número de sílabas. Selecionei as seguintes palavras: melancia, banana, maçã e uva, e a frase Gosto de banana e maçã. (ANEXO C)

b) Avaliação da leitura

Para Weiss (2012) o desenvolvimento da leitura deve ser avaliado utilizando de textos que tenha significados completos, considerando também a idade, a escolaridade e suas possibilidades, acrescenta mais, “não se pode esfacelar um texto, perdendo seu significado, fazendo-se apenas uma avaliação mecânica. É preciso resgatar, desde o diagnóstico, o hábito de ler, criando-se a idéia de atividade prazerosa” (p. 98).

Para avaliar a leitura foi solicitado que cada criança lesse um curto texto do livro infantil “*Sinsalabim, poesia pra mim*” de Maura Tavares, autora cearense, da coleção de literatura do Paic (Programa de Alfabetização na Idade Certa). O texto em forma de poesia apresentava de maneira simples a importância do brincar e de alguns tipos de brincadeiras.

3.4 Formas de registro

Para registro dos dados, utilizei o diário de campo para fazer anotações, como principal instrumento de pesquisa de observação. De acordo com Minayo (2011) em uma análise qualitativa, o pesquisador deve utilizar para as informações escritas o diário de campo, o que facilitará no momento de análise dos dados.

4. ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo aborda às discussões e resultados do estudo de caso, enfatizando no papel do professor e da escola diante das dificuldades de aprendizagens na escola pública, procurando atingir os objetivos deste trabalho, e a perspectiva metodológica adotada de forma satisfatória.

Os resultados serão apresentados com base nas observações em sala de aula, nos diálogos realizados com as duas crianças e na entrevista com a professora, bem como na análise do nível da leitura e da escrita dessas crianças.

A coleta de dados foi bastante significativa para conhecer os aspectos envolvidos nas dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita, o que contribui para uma prática breve e futura, durante minha formação.

Os dados da pesquisa serão apresentados com base em duas categorias: 4.1 Dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita: a percepção da professora e dos alunos sujeitos deste estudo; 4.2 Os níveis psicogenéticos da língua escrita: uma análise sobre a aprendizagem da leitura e da escrita de dois alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

4.1 Dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita: a percepção da professora e dos alunos sujeitos deste estudo

Na observação realizada, pude conhecer o contexto da turma escolhida para pesquisa. Percebi no primeiro dia de observação, que a professora tem um planejamento de sua prática e apresenta uma preocupação em interagir com as crianças ao longo do processo de ensino em sala de aula. Em uma das observações a professora estava realizando uma avaliação diagnóstica da leitura e da escrita, observei que enquanto a professora realizava o diagnóstico de leitura e escrita com cada criança, os demais faziam outra atividade

proposta antes por ela, esta atividade era interrompida pela professora sempre que era necessário.

Nas intervenções e nas observações realizadas nas salas de aula, verifiquei que na leitura das duas crianças (Mariana e Gabriel) participantes da pesquisa, elas utilizavam pistas semânticas para interpretar a escrita das palavras propostas pela professora.

Nas observações realizadas no dia em que a professora estava realizando o diagnóstico e a análise de escrita e leitura individual, das quatro palavras e uma frase, verifiquei que: Mariana leu uma palavra estabilizada – casa – de acordo com a professora ela já conhecia essa palavra casa. Apesar de ler a palavra, a criança não reconheceu todas as letras. Enquanto Gabriel leu algumas palavras simples, como por exemplo: *gato, pato e bola*.

Ao longo das observações, sempre vi Mariana com um comportamento triste, tímida, e não interagia com os colegas. Em sala de aula, a professora não se dirigia à Mariana, e isso me intrigava muito, por isso buscava me aproximar dela tentando ajudá-la, para entender algum fator externo relacionado ao comportamento dela. Mas não resolvia muito, a maioria das vezes Mariana quando indagada por mim só respondia um sim/não, ou gesticulava balançando a cabeça. Já Gabriel mostrava sempre participativo.

Os dados da observação indicaram que a prática pedagógica da professora não contemplava as reais necessidades dos alunos sujeitos dessa pesquisa. Observamos que os alunos não eram motivados e envolvidos no processo, muitas dúvidas que elas possuíam, não eram esclarecidas pela professora.

Ao questionar as duas crianças sobre a escola, se elas gostavam da escola e de estudar, se já sabia ler, elas assim responderam:

*“Gosto da escola e de estudar. Mas não gosto muito de brincar no recreio, fico sentada só olhando e não sei ler”
(Resposta de Mariana).*

“Tia, eu gosto da escola, é legal, eu já sei ler um pouco! Gosto da minha professora também, e dos meus amigos. O que mais gosto de fazer na escola é brincar com meus colegas” (Resposta do Gabriel).

Mariana demonstra mesmo com comportamento reservado e demonstrando timidez, que gosta da escola, mas não sabe ler. Mariana brinca durante a tarde em casa, faz as atividades de casa quando tem alguém para ajudá-la, e na maioria das vezes sua mãe ajuda nas tarefas. Gabriel respondeu que sabe ler mais ou menos, e que gosta de estudar na escola, da professora e de brincar. É uma criança bem ativa e participativa.

Ainda nas observações, percebi que a professora da sala não interagiu bem com as crianças, sempre séria e fechada, não criava situações desafiantes e motivadoras. Em muitos momentos ela se apresentava de forma metódica e autoritária, embora às vezes fosse necessária uma atitude mais firme, devido a indisciplina de alguns alunos.

Verifiquei que a professora não se preocupava em interagir com as crianças sujeitos dessa pesquisa, eram raros os momentos em que ela se dirigia a eles, para acompanhar mais de perto o processo de aprendizagem, diferente do que mostrou no primeiro dia de observação. Por exemplo, em uma atividade em que era para ler um texto copiado na lousa, foi solicitado apenas a algumas crianças que fizessem a leitura, e as demais ficaram apenas olhando. Todas as aulas eram basicamente a mesma rotina, os alunos faziam a agenda, e em seguida iam para o exercício, ambos copiados da lousa.

Toda ação precisa ser planejada de acordo com a realidade e necessidade encontrada. Como também é importante a reflexão contínua da própria prática pedagógica. Depois de algumas observações e melhor aproximação com a professora das duas crianças, apliquei a entrevista com a professora.

Ao questioná-la sobre o processo de leitura e escrita, ela ressaltou que compreende bem a aquisição dos dois processos e suas habilidades:

“É a consolidação do aprendizado no aluno. Esses dois processos acontecem por etapa e são processos opostos, envolvem habilidades contrárias de codificar e decodificar. Daí muitas vezes o aluno pode já ter adquirido um processo e o outro não, pois não são situações simultâneas”.

Contrapondo o pensamento da professora, cito:

“Apesar de apresentadas com dois sub-blocos, é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo do letramento”. (PCN, Língua Portuguesa, v.2, p.40)

Ler e escrever são habilidades envolvidas no mesmo processo, uma influencia a outra. Já sabemos que não se ensina a ler através de práticas centradas apenas na codificação e decodificação. É preciso considerar o contexto, o conhecimento prévio do aluno, o significado que ele atribui a leitura, seu conhecimento do sistema alfabético.

Sobre as metodologias utilizadas por ela nas práticas pedagógicas, ela afirmou:

“Eu analiso primeiro o que o aluno precisa e a partir daí desenvolvo metodologias apropriadas para que o aluno avance em cada dificuldade”.

Citou como métodos utilizados o alfabeto móvel, roda de leitura, jogos de linguagem, contação de histórias, produção textual, grupos produtivos, oficinas de descritores e entre outros, como recursos utilizados por ela. A professora confundiu métodos de ensino com atividades utilizadas em seu processo de ensino. Sabe-se que é importante que o professor defina suas estratégias de ensino, a fim de promover a compreensão e o aprendizado.

É preciso criar o hábito de ler e escrever, trabalhando o incentivo e o prazer. As atividades e práticas escolares precisam de novas concepções e ações. Entender como acontece todo processo na teoria é algo fácil, mas na prática que se deve ser mostrada o real entendimento desse complexo processo. Quando o processo de ensino/ aprendizagem é realizado buscando a prevenção e intervenção dos problemas, os resultados são mais positivos.

A frequência dos alunos nas aulas, a metodologia utilizada pela professora são dois aspectos que podem ser considerados para o rendimento do aluno, pois uma criança que falta muito às aulas acaba tendo prejuízo na aprendizagem. Como também a forma como a aula é desenvolvida, sendo muito tradicional ou mecânica interfere no prazer pela aprendizagem e não desperta o interesse dos alunos.

Ainda sobre o método ou recurso diferenciado utilizado para trabalhar com os alunos que apresentam dificuldades na leitura e escrita, ela reafirmou:

“Sim, como falei antes, de acordo com a necessidade de avanço de cada aluno utilizo os recursos que falei e entre outros, além de um acompanhamento mais próximo”.

Apesar de seu depoimento enfatizando o acompanhamento mais próximo ao aluno, o cotidiano observado em sala de aula não condiz com seu discurso, visto que as práticas pedagógicas observadas em sala de aula não indicavam qualquer preocupação em acompanhar os alunos de forma individualizada. Compreende-se que o professor deve utilizar metodologias que facilitem a aprendizagem e o sucesso dos alunos. O professor tem o papel de incentivar a participação dos alunos, promover atividades em grupos para que exista a cooperação entre eles e a construção do conhecimento. Todos esses aspectos relacionados à ação do professor não foram observados em sala de aula, quando estávamos na etapa de coleta de dados.

Ao indagar a docente sobre os fatores considerados por ela responsáveis pela grande defasagem de aprendizagem da leitura e escrita no sistema educacional, ela respondeu:

“São vários os fatores, alguns mais gritantes como a ausência da família e a desestruturação familiar. Outro fator que acho importantíssimo é o próprio sistema educacional que nos oferece material pedagógico e formações de boa qualidade, mas nos pressiona a trabalhar em função das avaliações externas em vez do próprio desenvolvimento da aprendizagem do aluno. A não retenção do aluno no 2º ano com aprovação automática gera essa defasagem na leitura e escrita que vemos em alunos do 6º ao 9º ano, por exemplo, pois não foram alfabetizados como deveriam, não completou o processo de alfabetização”.

Na fala da professora, ela relatou sobre todos os fatores considerados, como principal a família e o sistema em si, embora exista investimento por meio de materiais e formações. Em nenhum momento ela se refere à sua prática diária como um dos aspectos que influencia o processo de aprendizagem dos alunos. Percebi que para a professora há uma sobrecarga e falta de estímulo para a realização de seu trabalho. O posicionamento do docente diante das dificuldades é crucial no processo de aprendizagem, ele deve buscar alternativas que favoreçam o aluno aprender, o que não significa ficar preso a um método específico, mas em como a criança aprende.

Em relação à opinião da docente acerca do sistema de ensino se este oferece suporte para os professores superarem as dificuldades de aprendizagem dos alunos ela afirmou:

“Sim, mas é um sistema contraditório, visa números mais do que a própria aprendizagem”.

Em certo ponto, não tiro a razão do pensamento da professora. A qualidade do ensino deve vir antes de tudo, em seguida do investimento e valorização do profissional e do aluno como sujeito ativo no processo. O que muito ocorre também, que presenciamos várias vezes, centrarmos o problema no aluno, esquecendo-se de outras esferas, como além do sistema, a escola, professores, condições sociais e a família.

Quando indagada sobre quais sugestões apresentaria para diminuir os problemas de aprendizagem, a professora ressaltou:

“Um trabalho constante e próximo a família e a valorização do tempo do aluno, do seu tempo de aprendizagem. Alguns criticam a reprovação no 2º ano, mas o baixíssimo nível de aprendizagem que os alunos terão nas outras turmas por não terem sido totalmente alfabetizadas é muito pior e nem sempre a correção do fluxo ocorre como deveria e tem um bom resultado”.

Em relação à visão da professora, observo a importância de um trabalho conjunto da escola e a família. Propiciar um ambiente criativo, alegre e alternativas pedagógicas é o meio de contribuir no trabalho, mesmo com as dificuldades encontradas do dia a dia. O ambiente de aprendizagem deve

favorecer o gosto e o prazer pelo aprender, tudo isso é essencial. A dificuldade de aprendizagem não é um distúrbio, como as vezes é considerada em algumas escolas. O que acontece é que existem agentes envolvidos no espaço educativo, e não é um fator de causa única.

Logo, vale ressaltar que existem hábitos que estão tão enraizados na prática diária, que não percebemos na nossa atuação, no qual acaba prejudicando o aluno, "ou seja, quando o educador exala gosto pelo que está ensinando, ele interessa nisso também o aluno" (CORTELLA. 2008, p. 102). O papel do professor é fundamental, ainda mais para o aluno originado de um ambiente pouco letrado, porque na maioria das vezes o professor será a única referência de leitura para ele.

4.2 Os níveis psicogenéticos da língua escrita: uma análise sobre a aprendizagem da leitura e da escrita de dois alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem

A pesquisa tem por objetivo conhecer sobre o nível da escrita que se encontrava as crianças. Partindo das abordagens teóricas de Ferreiro e Teberosky (2008), que através das pesquisas descrevem como é feito o processo de aquisição da aprendizagem da escrita, mas que não é considerado um método pedagógico a ser seguido, mas a criança tem papel ativo. E assim pretende-se:

"[...] tentar uma explicação dos processos e das formas mediante as quais a criança consegue aprender a ler e escrever. Entendemos por processo o caminho que a criança deverá percorrer para compreender as características, o valor e a função da escrita, desde que esta se constitui no objeto da sua atenção, portanto, do seu conhecimento" (FERREIRO; TEBEROSKY, 2008, p.18).

Com base nos níveis estabelecidos por Ferreiro e Teberosky (2008), foi possível saber em qual nível de escrita se encontrava as duas crianças. Considerando o que as autoras defendem, o aluno é sujeito ativo, que constrói conhecimentos partir de um contexto significativo.

[...] em termos práticos, não se trata de continuamente introduzir o sujeito em situações conflituosas dificilmente suportáveis, e sim de tratar de detectar quais são os momentos cruciais nos quais o sujeito é sensível às perturbações e às próprias contradições, para ajudá-la a avançar no sentido de uma nova reestruturação. (FERREIRO, 2001, p.86).

Na escola, é importante sempre renovar a prática pedagógica para tornar a leitura e a escrita mais significativa, com atividades que promovam fins importantes a leitura, durante o processo de alfabetização. Deve ser trabalhado como uma atividade cultural, despertando o interesse e fazendo a criança entender que é algo necessário e relevante. É um trabalho de análise e reflexão para eles alcançado quando alfabetizadas.

O processo de construção deve ser levado em conta na hora de avaliar o aluno, valorizando sua produção e servindo de norte para intervenção do professor. É fundamental favorecer um ambiente de estímulos e oportunidades que contribuam no processo de aprendizagem, onde as hipóteses criadas pela criança seja ponto de partida para construção de conhecimentos.

Sabendo que não devemos considerar a leitura como uma atividade apenas escolar, é preciso utilizar fora do contexto escolar também, pois aprendemos em qualquer lugar, embora seja na escola onde desenvolvemos e estimulamos o aprendizado, o pensamento crítico e o gosto pelo aprender.

Durante a pesquisa pude perceber que as dificuldades para ler e escrever que os alunos apresentam, estão relacionados a um conjunto de variáveis, dentre as quais as mais importantes são: falta de acompanhamento individual tanto da família como da escola, falta de paciência da professora, recursos inadequados e métodos repetidos, a concepção do processo de ensino e aprendizagem para a professora, o contexto escolar, relação professor-aluno e as intervenções.

Tanto a escola, quanto o professor, tem um grande papel na construção do aluno, na sua formação, que além deles aprenderem a ler e escrever, se tornem seres humanos que saibam se expressar e tomar decisões na vida.

Pois, o ato de ensinar não é algo neutro, o professor, intencionalmente ou não, transmite princípios e valores na vida dos alunos.

O que reforça a importância do papel do professor e da escola, que deveria buscar intervir da melhor maneira possível na dificuldade do aluno como em seu futuro, estimulando-o e contribuindo para tornar o aprendizado contextualizado à realidade, trabalhando na família o incentivo e acompanhamento.

A seguir apresento o resultado das avaliações da escrita e da leitura dos sujeitos participantes.

Avaliação da escrita

Foram analisadas as produções escritas das duas crianças que apresentam dificuldade no processo de ler e escrever. As produções escritas foram analisadas solicitando às crianças que escrevessem algumas palavras por meio de um ditado de quatro palavras e uma frase do cotidiano das crianças.

Como intervenção principal para avaliar a escrita dos dois sujeitos, fiz uso do teste das quatro palavras do mesmo campo semântico e uma frase, procurando estimular as crianças. De ordem decrescente do número de sílabas as palavras foram: *melancia, banana, maçã e uva*, e a frase *Gosto de maçã e melancia – Gosto de melancia e uva*. A frase foi de acordo com a preferência da fruta de cada um. (ANEXO C).

De acordo com Nunes (2003), o diagnóstico e desempenho das dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita são analisados de forma qualitativa por meio de ditados, leituras e interpretações de palavras ou textos, o qual é necessário um atendimento especializado.

A solicitação da escrita das palavras foi feita de forma individual, mas ambas apresentaram comportamentos semelhantes. Quando pedi para que elas escrevessem as palavras, elas ficaram meio apreensivas, com medo de

errar. Parecia ser um grande desafio, como até deve ser considerada que seja para alguém que ainda não atingiu a hipótese alfabética. Em seguida foi solicitada a leitura acompanhando com o dedo na medida em que iam lendo cada palavra.

A seguir seguem as produções escritas feitas pelas crianças, para melhor compreensão de seu nível psicogenético:

M I F A O C A
P A I A T A
S A O
U V A

S T O I M T A I N T A S T O F U V U D

(IMAGEM 1: ESCRITA DE MARIANA)

Rodada da Atividade Escrita.
①
• NERÃO SIA
• BÃO FOUQOI
• NACÃO
• UVA

GODINACÃO | BÃO NERÃO SIA

(IMAGEM 2: ESCRITA DE GABRIEL)

De acordo com a escrita da Mariana (imagem 1), observamos que ela possui um vasto repertório de letras, mas ainda não compreendeu que a escrita é uma produção sonora e que necessariamente tem que haver uma relação entre os grafemas e os fonemas. Para a escrita da palavra MELANCIA – ela escreveu – MEFÃOCA. A escrita da palavra BANANA – foi representada – PAIATA. Para a solicitação da escrita de MAÇÃ – Mariana escreveu SÃO – e por fim, a palavra UVA que foi escrita de forma ortográfica, indicando uma escrita estabilizada provavelmente de memória. A escrita de Gabriel (Imagem 2) assim como a de Mariana (Imagem 1), demonstra que ele também ainda não está alfabetizado. No entanto, observa-se nas representações das palavras a indicação de melhor compreensão sobre o funcionamento do sistema alfabético, se compararmos com a escrita de Mariana. Para a palavra MELANCIA, Gabriel escreveu NERÃOSIA – se separarmos o início e o final da palavra – identificaremos o som inicial de MELANCIA – indicado por NER – e o som final indicado por SIA. No interior da palavra a introdução de um som nasalizado – ÃO. Interessante observar que na escrita de Mariana também ela escreveu letras que indicam som nasalizado, talvez a professora tenha trabalhado palavras com sons nasais. Na palavra BANANA – Gabriel escreveu a sílaba inicial correspondente da palavra, inclusive com indicação de nasalização - BÃ e introduziu várias letras sem qualquer relação sonora. No final a palavra banana foi assim representada – BÃOFOUQOI. Na escrita da palavra MAÇÃ – ele escreveu NACÃO – mais uma vez a indicação do som nasal. E, por fim, UVA, que assim como Mariana, ele escreveu de forma ortográfica. Observamos ainda que na escrita da frase, apenas Mariana repetiu a palavra UVA escrita de forma ortográfica.

Em seguida a obtenção dessas escritas, foi solicitada que eles lessem cada palavra escrita por eles acompanhando com o dedo cada letra à medida que fossem lendo. Sabemos o quanto é complexo o processo de aquisição e os fatores envolvidos nas dificuldades de aprendizagem, que existe todo um percurso que deve ser considerado e entendido.

Observei que os dois alunos distinguem sílaba de letra, com alguns erros de transcrição fonética, eles trocavam algumas letras e escreviam de forma desordenada, e para eles a ordem das letras não era importante. Eles não apresentavam vínculo entre a fala e a escrita, ou seja, entre o som da língua falada e a letra. Mariana reconheceu algumas letras, e trocava, por exemplo, *b* por *p*, mas foi capaz de escrever com a minha ajuda.

Quando realizaram a leitura das palavras escritas, eles demonstraram reações semelhantes. Eles demonstravam insegurança, e relatavam que haviam escrito “errado”. No entanto, não sabiam identificar qual era o erro e então se contentavam com suas escritas e comentavam que era daquele jeito mesmo, e que sua escrita estava certa.

De acordo com Ferreiro (2011), a aprendizagem da leitura e escrita não ocorre espontaneamente, depende muito da ação deliberada da professora e os erros que fazem parte do processo. Avaliar não é algo simples. É fundamental levar em conta o processo de construção do conhecimento e valorizar tudo o que o aluno produz, pois tudo é um ponto de partida para ser trabalhado pelo professor. A escrita não deve ser constituída como um código, mas sim como uma representação de uma construção pela criança. Reconhecer o aluno como um ser ativo, capaz, mesmo quando ele não sabe, inserindo-o num ambiente cheio de oportunidades e estímulos, para construir suas hipóteses.

Avaliação da leitura

“O ato de ler não pode ser defendido por um único processo, uma vez que envolve estratégias de natureza diferente ou a combinação de várias delas, dependendo de fatores como a motivação, as habilidades de linguagem e de raciocínio e o conhecimento prévio do leitor, bem como a complexidade de texto, dos objetivos e da situação de leitura em questão” (ROCHA, 1985, p.22).

Para a análise de leitura, procurei utilizar de textos com significado completo e que tivessem caráter atraente. De acordo com Weiss (2012), Ler não é apenas decodificar e transformar letras em sons. Como também considera Soares (1998) a habilidade da leitura vai além de decifrar sons.

Para as crianças em processo de alfabetização ao serem solicitadas a escrever e em seguida ler o que escreveram elas demonstram se contentar com sua produção, especialmente se ainda não compreenderam o funcionamento do sistema alfabético. No entanto, trata-se de uma atividade importante nesse processo de aprendizagem porque produz uma análise e reflexão sobre a língua escrita. O erro é reconhecido como construtivo, como considerado por Ferreiro (2011). E as hipóteses de escritas vão sendo construídas. Para tanto, é necessário um trabalho planejado de forma intencional para aprendizagem dos alunos. Antes de começarmos, perguntei a eles se em casa, alguém da família lia pra eles. E as respostas foram diretas:

Só quando minha mãe me ensina o dever, não sei fazer só, porque não sei. (Resposta de Mariana).

Às vezes meu irmão faz a atividade comigo, mas só às vezes, tia! Às vezes eu nem faço, só quando chego na escola. (Resposta de Gabriel).

Pedi para que eles fizessem a leitura de um pequeno texto do livro infantil “*Sinsalabim, poesia pra mim*” de Maura Tavares, da coleção de literatura do Paic (Programa de Alfabetização na Idade Certa). Antes da leitura, apresentei o livro, e o texto a ser lido, ressaltando o quanto era interessante o texto. O texto apresenta uma linguagem simples e fala da importância do brincar e alguns tipos de brincadeiras do cotidiano, na intenção de despertar o interesse e construir um sentido na leitura. (Anexo D)

Mariana não conseguiu ler, foi apontando cada letra e dizendo cada uma, perguntando as que não sabia. Ela tentou fazer a junção das sílabas, mas solicitou que eu fosse lendo junto com ela. Verifiquei a dificuldade dela em tentar ler, muitas vezes tentava adivinhar qual a letra que estava escrita. Sempre de maneira tímida, só falava a letra, não interagiu de forma alguma, quando perguntava alguma coisa em relação ao texto, por exemplo: se gostou do texto, se gostava de brincar? Ela só balançava a cabeça afirmando. Nessa

atividade de leitura, verifiquei que Mariana apenas identifica algumas letras do alfabeto de modo isolado.

O outro sujeito da pesquisa, Gabriel, conseguiu ler quase todo o texto, perguntado que letras eram principalmente o q, p e f. Mesmo com um pouco de dificuldade, demonstrou entusiasmo no decorrer da leitura, no início que apresentei o texto, ele reclamou:

*Ah, tia! Eu vou ter que ler esse texto sozinho? É grande!
Não tia, a senhora me ajuda?!(Fala de Gabriel)*

Procurei fazer as devidas mediações na leitura de cada um, no entanto Gabriel demonstra maior conhecimento sobre a língua escrita, porque foi capaz de ler com ajuda as sílabas simples.

Observei que nas atividades propostas o Gabriel participou de forma entusiasmada, diferente do que costumava ver em sala de aula, porque sempre parecia desatento, às vezes se recusava a realizar o que era proposto na aula. Quando apresentei o texto para leitura, ele reclamou no início dizendo que não conseguia, pois era grande, mas com o meu incentivo e auxílio conseguiu realizar a leitura.

Já Mariana sempre demonstrava timidez, fazendo as coisas com ajuda, e na sala de aula, só repetia o que a professora colocava na lousa, e se tinha alguma dúvida não procurava a professora, esperava a mesma ir até ela.

Neste estudo, verifiquei que as duas crianças não têm incentivo à leitura em casa, pois elas passam a tarde brincando, e só fazem a atividade de casa quando tem alguém para ensinar. De acordo com as crianças não existem oportunidades de leitura no ambiente familiar.

Sabe-se que mesmo quando a criança faz apenas rabiscos, ou folheia as páginas de um livro “lendo” da sua forma, são atos de leitura e escrita que precisam ser valorizados, incentivados e elogiados. Pois, quanto mais cedo à criança tem contato com a leitura e escrita, mais cedo ela se alfabetizará. È

preciso estimular o aprendizado, sem pressão, para que a criança sinta interesse em aprender.

Recordo-me agora de uma fala da professora em um dos dias de observação, quando me disse que "*só aprende a ler, lendo e a escrever, escrevendo!*". Existe lógica nesse pensamento da professora, mas precisa, além disso, considerar o que o aluno já sabe e suas habilidades para assim, aprender a ler através da prática da leitura, favorecendo a troca de conhecimento e colaboração entre os alunos, aqueles que já são leitores e os demais que apresentam dificuldades.

O trabalho colaborativo entre as crianças deve ser feito desde os anos iniciais de alfabetização. Antes de qualquer ação do professor ele precisa identificar o problema, as dificuldades e os obstáculos na aprendizagem, priorizando o relevante para contribuir na construção da aprendizagem, com inúmeras oportunidades.

“Hoje já se sabe que aprender a escrever envolve dois processos paralelos: compreender a natureza do sistema de escrita da língua — os aspectos notacionais — e o funcionamento da linguagem que se usa para escrever — os aspectos discursivos; que é possível saber produzir textos sem saber grafá-los e é possível grafar sem saber produzir; que o domínio da linguagem escrita se adquire muito mais pela leitura do que pela própria escrita; que não se aprende a ortografia antes de se compreender o sistema alfabético de escrita; e a escrita não é o espelho da fala”. (PCN, Língua Portuguesa, v.2, p.48)

Reconheço também que é um processo que tem uma sequência evolutiva, mas que necessita de ser construída uma consciência fonológica. A leitura e escrita é um processo que se desenvolve ao longo da vida escolar do aluno, um processo contínuo. Além da importância da intervenção, o incentivo nos alunos, a confiança em que podem e vão aprender, e um ambiente favorável à aprendizagem contribuem para o processo. Como numa frase de

Emilia Ferreiro: “Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar”.

Diante dos diversos fatores envolvidos no processo de aprendizagem, o que se pode observar é que os professores estão habituados a uma prática sistemática, longe das necessidades reais de aprendizagem dos alunos, ou seja, o que ocorre é que a prática não é adequada. Como também a falta de estímulos e atenção. São 200 dias letivos, 800 horas/aulas em cada ano escolar, que precisam ser enfrentados para superar o fracasso escolar, para não gerar problemas maiores na vida de cada criança, pois agrava todas as áreas na vida adulta.

O hábito pela leitura é desenvolvido logo nas séries iniciais do Ensino Fundamental, que precisa ser praticado com exercícios e motivações, para que ocorra o incentivo ao desejo de ler e aprender. Aspectos cognitivos, sociais e afetivos se relacionam aos fatores das dificuldades de aprendizagem. O aluno precisa de desafios, que levem além da leitura mecânica, da memorização; ele é ativo no processo, constrói o conhecimento. O que não pode deixar de considerar que cada criança tem seu ritmo, devendo ser estimulado. Acredito na concepção de leitura a partir da teoria construtivista, e que as práticas de leitura devam ser de maneira significativa e prazerosa, desprendendo do modo tradicional, dos exercícios de repetições para assim a criança possa aprender. De acordo com o pensamento piagetiano, para a criança aprender ela tem que ter condições propícias no ambiente escolar, assim como também, o conhecimento é construído pelo próprio aluno e estimulado pelo professor.

No entanto, tudo visando melhorias significativas dos resultados no processo educacional, tornando as séries iniciais mais preparadas para possíveis dificuldades. Um trabalho em conjunto nas séries iniciais na escola seria bastante relevante, com formação para os professores e projetos direcionados as necessidades dos alunos, para melhores resultados diante das dificuldades na leitura e escrita, pois são habilidades necessárias e relevantes para a vida. É um processo contínuo que acontece toda a vida.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa procurei analisar a dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita de dois alunos do 2º ano da rede pública. Ressalto aqui que um trabalho de pesquisa não é uma atividade fácil de ser realizado, principalmente quando se trata da conclusão de uma etapa de vida, mas sim de uma grande conquista.

O tema escolhido para a pesquisa, além de ser presente e notório a nossa realidade, é bastante amplo, no qual entendo que muita coisa ainda poderia ser abordada. Embora, considero que o presente estudo foi satisfatório de acordo com os questionamentos sobre a temática.

Acredito que como fatores importantes na aquisição da leitura e escrita, são as experiências e vivências com o mundo da escrita como também da leitura, pois quanto mais a criança tem contato, mais experiências poderão facilitar para sua aprendizagem. No caso dos sujeitos deste estudo, verificamos que eles não apresentam qualquer dificuldade de aprendizagem que pode ser considerada como significativa ou impeditiva para a evolução na leitura e na escrita. Ambos os sujeitos estão em processo de aquisição da leitura e da escrita, e certamente uma intervenção adequada segundo suas necessidades promoverá a aprendizagem desses alunos. Por isso, casos como os relatados neste estudo são exemplos corriqueiros nas escolas e na maioria das vezes são interpretados como crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem que se avolumam e se agravam ao longo do fluxo escolar.

Outro aspecto relevante são as práticas pedagógicas, visto que ainda são muitos os discursos contraditórios dos docentes, quando observamos suas práticas em sala de aula, que na maioria das vezes se diferem de seus discursos. É de fundamental importância que o professor se conscientize da sua tarefa e responsabilidade, levando em conta além do aluno, a escola, família e sociedade, pois são fatores que estão inseridos na construção do processo. É através da aprendizagem que o ser humano se constrói, por isso

precisa ser um processo prazeroso e positivo, mas infelizmente o inverso também pode acontecer.

Existem vários aspectos pelo qual os pesquisadores explicam o fracasso escolar, como as condições sociais, de ordem biológica, emocional ou psicológica, como também os métodos educacionais utilizados, dentre outros. O que não podemos deixar de considerar é que existe sim uma defasagem sociocultural nas crianças logo que ingressam na escola, principalmente as de baixa renda. Como também não tirando a atenção do papel do sistema escolar, com a responsabilidade da escola com seus resultados obtidos. O que envolve a estrutura, funcionamento e qualidade do ensino, ou seja, são fatores internos e externos envolvidos.

No cotidiano é necessário está sempre repensando nossas práticas pedagógicas. A prática pedagógica, a falta de motivação e estímulo, os problemas familiares, como também os aspectos cognitivos, afetivos e sociais, são as causas e os fatores que envolvem nas dificuldades presentes nas crianças.

Não pretendendo gerar idéia de julgar os professores e sim priorizar a reflexão das ações pedagógicas. A escola escolhida para realização da pesquisa não possui programas de intervenção para prevenir problemas de aprendizagem que às vezes extrapolam a ação em sala de aula, além do PIBID com o subprojeto de Educação Inclusiva, que além de contribuir no desenvolvimento das crianças, tem grande relevância na formação dos bolsistas que atuam. Parece que na maioria das vezes os professores enfrentam na solidão os problemas de aprendizagem de seus alunos e não há outros parceiros que auxiliem para a superação dessas dificuldades que alguns alunos enfrentam mais do que outros.

É preciso uma prática inovadora e rica, com o máximo de oportunidade de aprendizado, com o contato com a escrita e leitura. Para Ferreiro (1985), a criança precisa receber informações sobre a função social do uso da língua

escrita, da sua natureza fonética para reconstruir internamente em todas as situações, e não adquirir como conhecimento pré-elaborado.

Conclui-se que a professora compreende no discurso os aspectos relacionados à dificuldade de aprendizagem, mas constatei que na sala de aula é necessário renovar sua prática e rever seu papel efetivo. Torna-se relevante estimular e se aproximar de todos os alunos, acompanhar seus processos de aprendizagem e intervir de modo adequado de acordo com o nível psicogenético de cada aluno.

Reconhecendo a importância de criar e despertar o desejo de aprender e prazer em ensinar, respectivamente das crianças e dos professores. Como também, precisamos considerar o fato da criança não aprender ou ter dificuldade de aprendizagem, como ritmos diferentes no processo de aprendizagem, o que é pouco compreendido pela família, e principalmente pela escola.

Aspectos, embora tradicionais, são também essenciais, como a formação dos educadores, o reconhecimento do papel docente, o empenho na organização dos conteúdos e definição de estratégias de ensino que promovam a aprendizagem.

“A melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível de ser feita hoje é fazendo hoje aquilo que hoje pode ser feito. Mas se eu não fizer hoje aquilo que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje aquilo que hoje não pode ser feito, dificilmente eu faço amanhã aquilo que hoje não pude fazer” (Paulo Freire, 2002, p. 12).

Logo, entender o real sentido da profissão de ser professor, embora não ser tão valorizada na sociedade e as condições não serem as melhores, isso não justifica que o docente produza sua prática de qualquer maneira, sem se importar com seus alunos. Mas sim, reinventar as práticas educativas e reconhecer que cada um aprende de acordo com seu ritmo e modos diferentes, fazendo com que os discentes sintam prazer em aprender, não imobilizando diante das dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luiza. **Entrevista com Telma Weisz sobre alfabetização inicial. Nova Escola.** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/aposte-alto-capacidade-alunos-429248.shtml?page=0> Acesso em: 19 de abril 2014

Brasil. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília :144p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> Acesso em: 18 de julho 2014.

BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de aprendizagem: O que são? Como tratá-las?** - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CARACIKI, Abigail Muniz.. **Distúrbios da palavra: Pré-dislexia e Dislexia.** – Rio de Janeiro, Enelivros Ed., 1994.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos.** – 12. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRO, Emilia e PALACIO, Margarida Gomez (coord.). **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas.** - 3. ed. - Porto Alegre, Artmed, 1989.

_____, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Editora Cortez, 1985.

_____, E. e TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

FERRARI, Márcio. **Pedagogia – Emilia Ferreiro.** Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/emilia-ferreiro-306969.shtml>. Acesso em: 02 de abril 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11a Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FRESQUET, Adriana Mabel. **Psicopedagogia e fracasso escolar**. Linhas Críticas, Brasília, v. 9, n. 16. 2003.

MENOR, Maria Aurilene da Silva, SANTOS, Maria Eliane dos & SOUSA, Maria Goreti da Silva. **Vivência de algumas estratégias de Leitura: Experiência realizada num grupo de Formação de Professores Alfabetizadores**. Disponível em: http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrices/matrices_portugues/anexos/texto-09.pdf. Acesso em: 09 de maio 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu (orgs.). In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade. – 14. ed. - Petrópolis. Editora: Vozes, 2011.

NUNES, Terezinha. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática** / Terezinha Nunes, Lair Buarque, Peter Bryant. – 5. Ed. – São Paulo – Cortez, 2003.

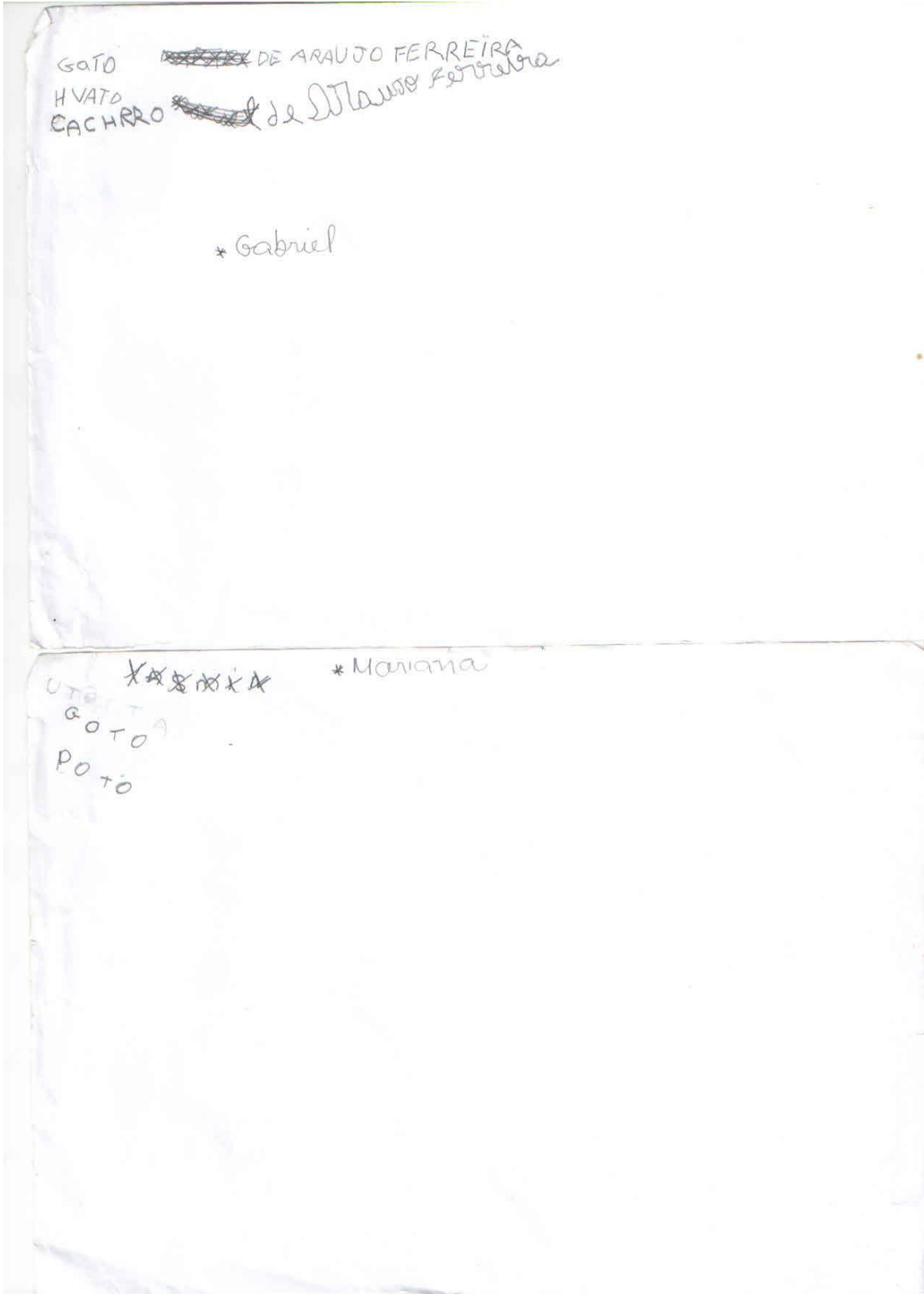
ROCHA, IútaLerche Vieira. **Leitura e formulação de textos didáticos: Investigação dos efeitos da coesão na compreensão de leitura** (Dissertação). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1985.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1994.

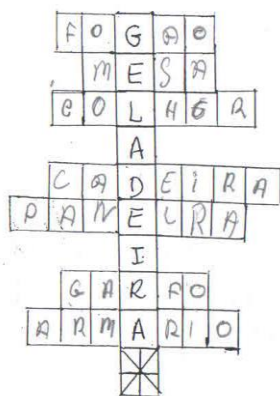
WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 14 ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

ANEXO A



ANEXO B

PALAVRAS
CRUZADAS



MESA PANELAS FOGÃO
ARMÁRIO COLHER GARFO
CADEIRA GELADEIRA

~~XXXXXX~~ * Maroneu

PALAVRAS
CRUZADAS



MESA PANELAS FOGÃO
ARMÁRIO COLHER GARFO
CADEIRA GELADEIRA

* Gabriel
~~XXXXXX~~ DE ARAUJO FERREIRA

ANEXO C

~~XXXXXX~~ * M...
MIFÃOCA
PAIATA
SÃO
UVA
STO I M T A N T A S T O F U V D

~~Risk~~ da ATANDE Brreira.
* Gabriel
• NERÃO SIA
• BÃO FOUCCI
• NACÃO
• UVA
GODINACÃO | BÃO NERÃO SIA

ANEXO D

Brinca aqui, ali, acolá

*Brinca aqui, brinca ali, acolá!
Que bom é brincar, libertar, movimentar, fantasiar!
Pipas a empinar, piões a rodar, cordas e elásticos a pular.
Brinca aqui, ali, acolá que bom é libertar!
Macaca a pular, ciranda a dançar, cinco-marias a jogar
Brinca aqui, ali, acolá, que bom é movimentar!
Bola e bila a jogar, de galamarte a balançar, de casinha
a imaginar.
Brinca aqui, ali, acolá, que bom é fantasiar!*

ANEXO E

Roteiro de entrevista

- **Dados de identificação:**

Idade: _____

Graduada em: _____ Ano da Graduação _____

Instituição da graduação: _____

Possui especialização: () sim () não Se possui, qual? _____

Há quanto tempo é professor (a): _____

1. O que você entende por processo de leitura e escrita?
2. Quais metodologias você utiliza em sua prática pedagógica?
3. Você utiliza algum método ou recurso diferenciado para trabalhar com os alunos que apresentam maior dificuldade na leitura e na escrita? Se sim, qual?
4. Quais fatores você considera responsável pela grande defasagem de aprendizagem da leitura e escrita no sistema educacional?
5. Você acha que o sistema educacional oferece suporte para que os professores superem as dificuldades de aprendizagem de seus alunos?
6. Que sugestões você daria para que os problemas de aprendizagem fossem diminuídos?